



António-Pedro Vasconcelos alerta para a destruição do audiovisual

“Recuso rever-me no país que a RTP me apresenta”

Comunicação social Jorge Mourinha

Diana Andringa resume debate no DocLisboa sobre a RTP e o serviço público: uma denúncia do estado da televisão pública

“Estamos a muito pouco tempo de questões irreversíveis para a manutenção da RTP como ela existe.” Foi assim que o jornalista António Loja Neves introduziu o debate organizado pelo DocLisboa sobre o serviço público de televisão. Debate que procurava questionar “a continuidade de um serviço público [...] e] de um trabalho específico de relação entre a televisão e a produção de documentários”.

Na prática, contudo, o que teve lugar na tarde de ontem na Culturgest foi uma denúncia do estado actual da televisão pública e da sua instrumentalização política. Alberto Arons de Carvalho, antigo secretário de Estado da Comunicação Social, apontou as falácias do discurso oficial sobre a RTP, que diz custar ao Estado “230 milhões de euros por ano” e não o apregoado milhão de euros por dia. Referindo que qualquer privatização ou concessão do canal lesaria gravemente a RTP e, por arrasto, a própria concorrência, sublinhou ainda a existência de um operador público como única garantia da manutenção de capitais nacionais na paisagem mediática, no momento da entrada de accionistas estrangeiros nos grupos de media portugueses.

Também a deputada do PS Inês de Medeiros, numa intervenção da plateia, fez questão de denunciar a

má-fé ou ignorância na utilização das más audiências para justificar a privatização. “O serviço público não tem de estar em concorrência directa com as privadas: faz aquilo que as privadas não fazem justamente porque não tem de ter audiências.”

Diana Andringa e António-Pedro Vasconcelos sublinharam o dever de cidadania inerente ao conceito de serviço público. O realizador de *O Lugar do Morto* e *Call Girl* esclarece: “Interessa-me defender o serviço público como cidadão mais do que como profissional.” A jornalista afirmou, por seu lado, que defender o serviço público de televisão é criticá-lo por “recusar ao povo português a inteligência”: “Recuso rever-me no país que a RTP me apresenta. Não posso fingir que tenho um serviço público de televisão: falta muitas vezes o dinheiro para as boas séries, mas existe para programas que tratam as pessoas como atrasadas mentais.”

A actual estrutura e administração do canal não foi poupada. “Custa muito a acreditar que o Mário Dionísio ou o Augusto Abelaira foram directores de programas”, disse a realizadora Margarida Gil, explicando que a consciência de serviço público tal como a conhecemos só recentemente começou a existir numa estação que desde o 25 de Abril foi vista como “instrumento do aparelho ideológico do estado” e que ao longo das décadas foi sendo, nas suas palavras, um “regabofe”. “A RTP foi a matriz das grandes empresas públicas.” E António-Pedro Vasconcelos avisou que o que está em curso é “a destruição de uma indústria audiovisual rudimentar e quase inexistente” num país onde os portugueses vão duas vezes por ano ao cinema e passam 3h30 por dia a ver televisão.